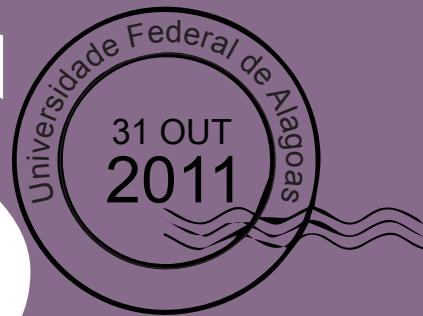
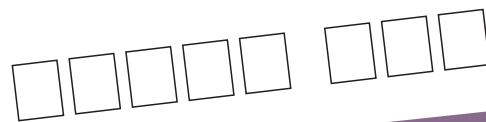


POSTAIS

do Conhecimento



Internacionalização: educação
sem fronteiras



A obra do artista visual Marcelo Silveira lembra um campo de esferas, ou quem sabe uma constelação cultural onde é possível atravessar e interagir. Assim faz a política de internacionalização da Ufal quando, sobrepondo os limites geográficos, abre caminhos de diálogo com vários países do mundo. Todos os anos, alunos de Alagoas partem para o exterior e outra leva, vinda de outros continentes, aporta no Estado num movimento de ida e volta capaz de configurar um novo desenho global: o conhecimento sem fronteiras.

Unidade de Penedo fortalece a relação acadêmica entre Espanha e Brasil

Jhonathan Pino

Em Penedo, o estudo da larvicultura de Besugo, a reprodução em cativeiro da Cherna e o cultivo da Carapeba são os motivos do bom relacionamento entre o Brasil e a Espanha. Essas são espécies de peixes de grande interesse comercial entre os dois países.

O curso de Engenharia de Pesca, da Unidade de Penedo, por meio dos professores Themis Silva e Emerson Soares, mantém um convênio com o Instituto Espanhol de Oceanografia, o Centro de Investigaciones Mariñas, e a Universidade de Santiago de Compostela, com o objetivo de desenvolver o cultivo de peixes marinhos em Alagoas, Estado de grande potencial para esta atividade.

Em conjunto com os professores brasileiros, os pesquisadores Tito Peleteiro e Evaristo Gomez, do Centro Oceanográfico de Vigo, Espanha, conseguiram um grande feito: a primeira reprodução sem indução hormonal em cativeiro do peixe cherna, ameaçado de extinção, nas instalações do Aquário Finisterrae, em La Coruña, também na Espanha. O Cherna (*Polyprion americanus*) é um peixe pertencente à família Polyprionidae, caracterizado por ser de grande porte e encontrado em profundidades de 100 a 1000 metros.

Os pesquisadores estão acompanhando todo o desenvolvimento embrionário dos ovos e documentando as etapas para possível publicação em revista científica internacional. "A reprodução dessa espécie em cativeiro diminuirá a pressão pesqueira sobre este importante recurso marinho, pois fortalecerá programas de repovoamento em ambiente natural e de cultivo intensivo - piscicultura", explica o professor Emerson Soares.

Considerada uma espécie universal presente nos oceanos Atlântico e Índico, o Cherna é muito valorizado pela pesca comercial, por isso está ameaçado de extinção em vários países. O Centro Oceanográfico de Vigo possui exemplares dessa espécie em cativeiro, onde vem monitorando aspectos como perfil hormonal, crescimento, comportamento em ambiente confinado e reprodução.

Através do financiamento de instituições como a Capes, com bolsas de pós-doutorado do Instituto Espanhol de Oceanografia, as pesquisas desenvolvidas pelos professores



Encontro Internacional de Turismo em 2010

contribuem para a publicação de artigos científicos em revistas internacionais e nacionais. "A parceria e cooperação com os espanhóis, que têm muita experiência com o cultivo de peixes marinhos, é uma abertura da Ufal para a cooperação internacional com Europa na área da pesquisa em questão, como também contribui para a formação de técnicos, estudantes de graduação e de pós-graduação", ressalta Emerson.

Turismo cria ponte entre Penedo e Girona

A Universidade de Girona, também na Espanha, há alguns anos, vem realizando uma parceria com o curso de Turismo, da Unidade de Penedo. Esse relacionamento entre as duas universidades já rendeu alguns eventos em Alagoas, como as duas versões do Encontro Internacional de Turismo, realizado nas cidades de Maceió e Penedo, nos anos de 2009 e 2010, respectivamente.

Esse evento contou com a participação de professores da universidade espanhola. Além disso, por meio da Cooperação internacional de "Políticas Públicas de Turismo em Brasil: planificación y desarrollo de rutas turísticas sostenibles em la región de las Lagoas-Alagoas", os professores da Ufal Alan Curcino e Silvana Pirillo fizeram visitas técnicas aos espaços turísticos de Barcelona, Figueres, Girona e da Costa Brava, na Espanha, e de Escaldes, em Andorra, o menor país do mundo.

Como fruto desses intercâmbios,

em junho de 2011, foi publicada a Revista Iberoamericano de Turismo, numa colaboração entre os professores espanhóis e brasileiros; além da obra "Turismo, Políticas e Desenvolvimento Humano", publicação organizada pelos professores Silvana Pirillo e Lluís Mundet i Cerdan, da Universidade de Girona.

Aliança entre pesquisadores de Arapiraca, Alemanha e Portugal

Por meio do Projeto de pesquisa Integrado "Formação de Professores e trabalho pedagógico das escolas: contribuições da Educação Física para alterar o trabalho pedagógico nas escolas integrais e nos movimentos de luta social em Alagoas", as professoras Janine Albuquerque e Vannina de Oliveira estão repensando a forma como as contribuições da cultura corporal podem alterar a cultura pedagógica na cidade e no campo. Para isso as professoras, desde maio 2010, contam com o apoio do professor Reiner Hildebrandt-Stramann, da Universidade Braunschweig, na Alemanha, e da professora Celi Nelza Zulke, da Universidade Federal da Bahia.

Em Arapiraca, Janine e Vannina, pela Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer, buscam a criação de um banco de dados sobre o trabalho pedagógico com a Educação Física nas escolas de tempo integral do município de Arapiraca, com o intuito de elaborar um material

didático capaz de implementar, acompanhar e avaliar as experiências pedagógicas positivas e, assim, alterar a cultura pedagógica da escola.

O trabalho é articulado com uma investigação internacional que está em curso na Universidade de Braunschweig, sob a mesma temática: "Escolas Integrais e Alteração da Cultura Pedagógica", que é coordenada pelo professor Reiner Hildebrandt Stramann. "As investigações nos dois países permitirão formar quadros científicos e ampliar as referências e acúmulos de pesquisas imprescindíveis para a região, visto a gravidade da situação educacional no Nordeste brasileiro", ressalta Janine.

No Campus Arapiraca, outro pesquisador que vem colaborando para o enriquecimento cultural de uma nação europeia é o professor William Piauí. Apesar de estar na Ufal há apenas dois anos, como professor das disciplinas de Produção do Conhecimento e Filosofia da Ciência, o docente, desde 2002, vem participando de um grupo de pesquisa do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, onde já atuou ministrando um minicurso.

"Além de participar de atividades em Lisboa, o Centro também já enviou livros para a biblioteca do Campus Arapiraca. Mas pretendemos aumentar essa relação com o envio de alunos dos cursos de Biologia, Física, Matemática e Química para Lisboa", ressalta Piauí.



Professor William Piauí

EXPEDIENTE

Postais do Conhecimento, com o tema **Internacionalização: educação sem fronteiras**, é o sexto número de uma coleção comemorativa dos 50 anos da Universidade Federal de Alagoas, publicada em 2011. **Tiragem:** 10.000 exemplares

GESTÃO

Ana Dayse Rezende Dorea – **REITORA**
Eurico de Barros Lôbo Filho – **VICE-REITOR**

Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Campus A. C. Simões – Av. Lourival de Melo Mota, s/n. Tabuleiro do Martins. Cep:52072-970. Maceió-AL

Assessoria de Comunicação (Ascom): 3214-1052

Pró-Reitoria de Extensão (Proex): 3214-1134

Coordenação de Assuntos Culturais: 3221-3122

www.ufal.edu.br
ascomufal@gmail.com

Coordenação Geral

Márcia Rejane Gonçalves Ferreira MTB 352/AL

Redatores

Jhonathan Pino
Joabson dos Santos
Rose Ferreira

Edição

Simone Cavalcante

Projeto Gráfico e Diagramação

Jailson Albuquerque

Revisão

Rose Ferreira

Fotografias

Manoel Mota

Foto de capa

Flávio Lamenha

Arquivo da Pinacoteca



Marcelo Silveira

O trabalho **entre a surpresa e o que se espera**, do artista pernambucano Marcelo Silveira, esteve exposto na Pinacoteca Universitária em 2004. Marcelo é formado em Educação Artística pela UFPE e utiliza, nesta exposição, troncos de árvores mortas como matéria-prima de suas obras.

Combate às pragas em Alagoas une pesquisadores da França e da Inglaterra

Apesar de o Laboratório de Pesquisa em Recursos Naturais (LPqRN) fazer pesquisas voltadas para o combate de pragas do pinhão-manso, da palma, do coqueiro e de outras culturas típicas da região Nordeste do Brasil, a busca por alternativas de menor impacto ambiental no combate a essas pragas em Alagoas iniciou uma cooperação entre o Instituto de Química e Biotecnologia (IQB) da Ufal e a Universidade de Strasbourg, na França, há cerca de 8 anos, além de outra parceria com o Rothamsted Research – um centro multidisciplinar internacional de pesquisas da Inglaterra, que já vem colaborando com o IQB há pouco mais de um ano.

Liderado pelo professor Antônio Euzébio Goulart, os pesquisadores do LPqRN fazem o levantamento das pragas e trabalham no isolamento, identificação e síntese de feromônios. Os feromônios são substâncias retiradas dos insetos capazes de atrair outros da mesma espécie. O nome é devido ao poder que essas substâncias têm de comunicar por meio do olfato: elas servem de mensageiras para que indivíduos da mesma espécie possam ser atraídos pela substância secretada.

Conforme Mariana Santos, integrante do grupo e doutoranda no IQB, "primeiro fazemos a criação do inseto em laboratório; extraímos o feromônio; fazemos a identificação por cromatografia gasosa e espectrometria de massas; a confirmação se dá por síntese e a produção do feromônio em laboratório", explica Mariana. O resultado final é a produção de novas substâncias capazes de atender à produção de culturas agrícolas importantes no Estado e na região Nordeste.

Mariana ainda enfatiza que "essas pragas são responsáveis por grandes perdas, tanto na fase da cultura quanto na pós-colheita", diz a pesquisadora.



Professor Euzébio (à esquerda) com grupo de pesquisadores do IQB

As parcerias entre as três instituições já proporcionaram a pesquisadores de graduação e pós-graduação fazer intercâmbios e ter acesso a equipamentos inexistentes na Ufal. Os resultados serão futuramente patenteados e utilizados como referência para o combate das pragas em outras regiões do país.

Quatro nações e um objetivo comum: a Matemática

Pesquisadores da Inglaterra, Itália, França e de mais seis universidades brasileiras, desde 2009, trabalham em conjunto, com o objetivo de desenvolver o alto nível na infraestrutura científica de suas respectivas regiões. Trata-se do consórcio DynEurBraz, desenvolvido na área de sistemas dinâmicos e financiado pela Comunidade Europeia.

Entre os envolvidos estão o Imperial College e Universidade de Warwick, ambas na Inglaterra, a Scuola Normale Superiore di Pisa, na Itália, a

CNRS e Université de Brest, ambas na França, além Instituto Nacional de Matemática Pura Aplicada (Impa), a Universidade Estadual de Campinas, as Universidades Federais do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, Fluminense e de Alagoas. Na Ufal, o projeto já proporcionou a criação da I Escola Brasileira de Sistemas Dinâmicos da Ufal e a vinda do pesquisador Jerome Rousseau como bolsista de pós-doutorado do CNPq.

"Além disso, vários pesquisadores da Ufal fizeram visitas às instituições participantes do projeto, bem como os pesquisadores europeus visitaram a Ufal", relata o professor do Instituto de Matemática da Ufal, Krerley Oliveira.

Além dele, os professores Fernando Micena, Marcus Bronzi, Walter Huaraca, Luis Guillermo e diversos alunos de mestrado e doutorado do IM fazem parte das pesquisas que, em Alagoas, tem como meta a formação de docentes nos programas de mestrado e doutorado

para atuar como professores de outras instituições de ensino superior. "Aliar-se a instituições líderes no cenário mundial, como o Imperial College de Londres e Scuola Normale Superiore de Pisa é estrategicamente importante para a internacionalização e manutenção do alto nível em pesquisas na Ufal", ressaltou Krerley.



Professor Krerley Oliveira

Mobilidade estudantil para China ao alcance dos alagoanos

Rose Ferreira

Considerado o idioma do momento, o mandarim tem exercido forte influência nas relações internacionais das mais diversas áreas. E, acompanhando essa tendência, o Programa Santander Universidades lançou no Brasil o Programa Top China – uma rica oportunidade para estudantes e professores trocarem experiências científicas e culturais na China.

A Ufal tem enviado representantes desde 2009, e o aumento no número de vagas é evidência de que o intercâmbio é, de fato, promissor para os dois países diretamente envolvidos. Em 2009, só foram ofertadas duas vagas para estudantes da Ufal; as selecionadas foram Maria Elisa Costa, de Engenharia Civil, e Flávia Rabelo, de Meteorologia. Em 2010, a quantidade de vagas para alunos dobrou e um docente pôde integrar a comitiva alagoana – foi então a oportunidade de Alanna da Silva e Pedro Duarte, de Direito; Lucas Xavier, de Engenharia Química; Selene Morales, de

Arquitetura e Urbanismo; e o professor Lindemberg Araújo, de Geografia.

Este ano, a Universidade Federal de Alagoas ganhou ainda mais prestígio porque os universitários Arlan Almeida, de Engenharia Ambiental, Alan Melo, de Ciências Econômicas, Taciana Melo, de Arquitetura, e Inael Barros, de Geografia, conquistaram o primeiro lugar na apresentação das experiências adquiridas nas três semanas de mobilidade. "Esse foi o meu primeiro intercâmbio e abriu os meus olhos para muita coisa: o quanto o Brasil ainda precisa crescer, a influência das mídias, a importância da educação de um povo etc", declara Inael Barros.

Durante três semanas, os brasileiros selecionados para o Programa participaram de um curso sobre Meio Ambiente, Urbanismo e Sociologia sob a perspectiva da Sustentabilidade, nas Universidades de



Estudantes da Ufal premiados na China

Shanghai Jiao Tong e Pequim. "Daqui por diante, a minha paixão por desenvolvimento sustentável, aspectos físicos e humanos da Geografia só vai crescer. Foi muito interessante observar o modo como os chineses são disciplinados, muito ligados à cultura e preocupados com o meio ambiente, é claro que também por razões econômicas", avalia o intercambista.

Mas nem só de estudos acadêmicos é feito um intercâmbio. Afinal, é fundamental o contato com elementos cotidianos, históricos e culturais do país visitado; e, na China, não faltam opções! "Enquanto algumas pessoas se empolgavam com as compras, eu aproveitei o meu tempo livre para visitar templos, parques e ter contato com os chineses", revela Inael, que também soube aproveitar muito bem as aulas de mandarim e oficinas culturais.

Agora que voltaram para a Ufal, os estudantes e o professor Humberto Barbosa, de Meteorologia, estão organizando um simpósio para transmitir suas experiências de acordo com suas respectivas áreas de atuação. É uma das maneiras práticas de dar retorno à Universidade que os enviou para o "outro lado do mundo", a fim de que eles se tornem profissionais mais capacitados e aptos a lidar com o mundo globalizado.

Convênio entre países já trouxe 136 estudantes para a Ufal



Se existe um programa que deu o passo decisivo para a internacionalização na Ufal, ele se chama Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (Pec-G). Foi por meio dele que as universidades brasileiras receberam os primeiros grupos de estudantes estrangeiros. Trata-se de um convênio educativo e cultural entre o Brasil e outras nações em desenvolvimento. A partir dele, a Ufal começou a disponibilizar uma vaga por semestre em todos os seus cursos de graduação e já contabiliza 136 estudantes vindos pelo Convênio.

Em 1988, a Ufal recebeu o primeiro aluno do programa, mas apenas dez anos depois tivemos as primeiras turmas formadas, ainda com pouquíssimos alunos do Pec-G. Mas foi no ano de 2005 que o número de estudantes estrangeiros cresceu bastante. Atualmente, existem 57 alunos beneficiados pelo programa, em sua maior parte de países africanos.

Vindos de países como Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique, República do Congo, Camarões, Barbados, Nigéria e São Tomé e Príncipe, os estudantes enriquecem não só culturalmente a Universidade, como também exibem com orgulho as cores de suas bandeiras, presentes também nas vestimentas apresentadas na Semana da Cultura Africana.

Apesar da alegria que esbanjam em seus rostos, os estudantes deixam de lado inúmeras dificuldades pelas quais passaram para chegar ao país. No momento em que fazem as inscrições, no Ministério de Relações

Internacionais de suas respectivas nações, os alunos têm que passar por uma seleção não só acadêmica, em que é exigido o domínio da língua portuguesa e do ensino médio completo, como também devem assinar um termo de compromisso para regressar ao país de origem, logo que terminada a graduação.

Também são exigidas garantias de que os alunos tenham condições econômicas de se manter no Brasil, já que o acordo não prevê auxílio moradia ou financeiro no país, a não ser em casos excepcionais. Além disso, o estudante deve comprovar recursos suficientes para custear suas passagens de ida e volta no itinerário para o Brasil, o que muitas vezes os deixa em uma situação difícil.

"Apenas este ano, enviamos três solicitações para o Ministério de Educação (Mec) de ajuda de custos para os estudantes que apresentaram insustentabilidade, mas o Mec negou, pois as regras são bem rigorosas", aborda o coordenador de Desenvolvimento Pedagógico da Pró-reitoria de Graduação (Prograd), Alexandre Lima.

O programa é desenvolvido por universidades públicas – federais e estaduais – e particulares, onde o aluno estrangeiro cursa a graduação gratuitamente. Mas para auxiliar os estudantes nessa situação, existem bolsas-auxílio, como o Processo Seletivo do Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (Promissaes), que auxiliam os estudantes na sua permanência na Universidade por até um ano.

Histórias de vida

Com um bebê de seis meses no colo e a vontade de estreitar cada vez mais os laços entre Moçambique e Brasil, a moçambicana Sónia André desembarcou em Maceió para cursar Música na Ufal em 2007.

Apesar de bem acolhida pelo departamento de Música, Sónia enfrentou o preconceito no Brasil, mas obteve grandes conquistas: "Eu tenho vários trabalhos publicados, projetos em andamento, partilha de experiências com colegas e professores, e até mesmo dos dirigentes de varias áreas da universidade", disse Sónia.

Durante a sua estadia em Maceió, a estudante também foi homenageada pela Organização Não-Governamental Maria Mariá, como forma de reconhecimento de superação frente às dificuldades enfrentadas pelas mulheres alagoanas e chegou a fazer um curta-metragem, Guerreiros de Jorge, em que interpretou a personagem de Maria Fulô.

Sónia atualmente está dividindo a moradia com a estudante africana Abigail Musa, que é a única estudante nigeriana na Ufal. A estudante chegou ao Brasil em março de 2011, mas só iniciou o curso de Engenharia da Computação em agosto deste ano. Ainda sem entender muito bem o português, pois a língua oficial do país é o inglês, Abigail fez o curso de Português Instrumental, oferecido pelo Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (Feac) durante os meses de espera para o início das aulas.



Mozambique

Já o aluno Augusto Ferreira, de Guiné-Bissau, havia escolhido, em 2006, dois locais para estudar no Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro, já que seus primos haviam estudado nesses Estados. Mas por acaso, o seu nome havia sido selecionado entre os estudantes escolhidos para estudar em Maceió. Cinco anos depois, terminando o curso de Bacharelado em História, Augusto revela o quanto esse "erro geográfico" foi bom para sua formação. "Às vezes brinco com meus colegas brasileiros, dizendo que a minha vinda a Maceió foi um erro geográfico. Depois do resultado final, procurei informações sobre Maceió e entrei contato com outras pessoas que estavam cá, em Maceió. Mas para ser sincero, hoje considero Maceió minha segunda casa. Digo tudo que sou hoje devo a essa instituição, ela me deu um embasamento teórico muito bom", revela Augusto.

Para Augusto, existem várias dificuldades para permanecer no Brasil, mas a mais difícil entre elas é a língua. "O meu país fala português, mas quando cheguei cá no Brasil, eu pude sentir algumas dificuldades para me comunicar com os brasileiros, isso é uma das maiores dificuldades para quase todos estudantes africanos. Estamos acostumados de falar o português de Portugal, e quando chegamos no Brasil vimos que algumas coisas são diferentes, a exemplo disso: no português de Portugal a gente fala "bicha", que é fila, mas cá no Brasil não se pode pronunciar essa palavra," lembra o guineense.

Com menos tempo na Ufal e ainda com dificuldades na pronúncia de algumas palavras, Keilan Custódio chegou ao Brasil em 2010, após ser selecionado pela Ufal para cursar Administração por meio de uma Bolsa de estudos do Governo Angolano. Apesar de ter sido uma escolha da qual não teve poder de decisão, a estudante disse que está satisfeita com a Universidade, "pois a Ufal tem professores e coordenadores bastante qualificados na execução das suas tarefas e também tem inúmeros cursos em que os alunos podem se matricular, e por ser uma universidade federal, o diploma tem muito peso para a nossa formação acadêmica e na concorrência para o mercado profissional", relata Keilan.

Apesar de ter uma boa relação com os brasileiros, Keilan diz que o intenso contato com outros alunos africanos a faz se sentir em casa, no seu país de origem. "Nós somos todos muito unidos uns com os outros", relata a angolana.

A angolana, Cleyde Corte Real, está apenas há 5 meses cursando Psicologia na Ufal, mas para a estudante as dificuldades de comunicação não existem. "Não tive muitas dificuldades de adaptação, pois tive muita ajuda de outros estudantes africanos, que me orientaram em quase tudo e foi muito fácil. O relacionamento é bastante saudável. Quanto aos brasileiros, só convivo com os colegas de sala e são todos muito simpáticos e muito curiosos. Com outros africanos, a relação é exce-

lente, é como se eu já convivesse com eles a bastante tempo," diz a estudante.

Celebração da cultura africana faz parte do cotidiano da Universidade

Com a exposição de roupas, artesanatos, música, danças, banners, exposições e palestras sobre o continente africano, desde 2004, os estudantes Pec-G da África buscam divulgar a cultura de seus países, além de acabar com os estereótipos existentes sobre o continente. "Os brasileiros ainda têm uma ideia restrita sobre a África, apesar dos laços históricos que unem os países africanos ao Brasil", lamenta Dirceu Aurélio, estudante guineense do curso de Ciências Contábeis.

Toda essa movimentação faz parte da Semana da Cultura Africana, principal evento promovido por estudantes estrangeiros na Ufal e realizado como parte do Congresso Acadêmico. Nestes dias, é normal encontrar inúmeras pessoas com tranças nos cabelos, feitas em um ateliê promovido pelas africanas; como também ouvir a batida envolvente dos músicos vindos do outro lado do Oceano Atlântico; ver o gingado de suas danças; sentir o cheiro e poder provar de algumas comidas típicas, além de vibrar com as cores de suas bandeiras, que ficam hasteadas, dando novos tons ao vermelho e azul da Ufal.

Editora da Ufal: 33 anos de trabalho em prol da literatura

Joabson Santos

Às vésperas de completar 33 anos de atuação no mercado editorial alagoano e brasileiro, a Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal) amplia o raio de atuação com a publicação de títulos internacionais e celebra essa trajetória com a publicação de títulos internacionais.

A iniciativa começou tímida em 2008 com a coedição do livro Educação Física, Desporto e Lazer: Perspectivas Luso-Brasileiras, em parceria com o Instituto Superior da Maia (Ismail-Portugal), mas a internacionalização da editora se consolidou em 2009 com as atividades do Ano da França no Brasil.

Na Bienal deste ano, em outubro, será lançado mais um livro de autor francês e mais quatro títulos em 2012. A parceria continua com Portugal e as ações ganham força com a publicação de duas obras da Itália.

As publicações de livros internacionais feitas pela Edufal foram um livro com Portugal em 2008; em 2009 foram lançados três com a França, em comemoração ao ano daquele país no Brasil; em 2010, ainda com a França, foi lançado mais um exemplar. Para 2011, foram fechados mais quatro contratos de livros que serão lançados em 2012. Ainda em 2011, existe a previsão de publicar dois livros com a Itália e em

2012 também será publicado outro livro com Portugal (que já está no prelo).

Prêmios

Referência em Alagoas na publicação de livros científicos, a Edufal trabalha para oferecer aos clientes, livros com a mesma qualidade das grandes editoras nacionais e resultado disso são as indicações para diversos prêmios.

Estando à frente da Edufal desde 2003, a experiente diretora, Sheila Maluf, contabiliza diversos prêmios: "Zumbi dos Palmares", da revista Salada Magazine; "Parceiros de Visão", da Fundação Dorina Nowill, em São Paulo; e "Guerreiro Quilombola", pelo projeto Raízes de África.

"Os dois primeiros direcionados para os nossos projetos de livros em Braille e o último pelo trabalho realizado na Bienal. Também recebemos três portarias de louvor do Consuni pelo trabalho realizado nas Bienais em que estive à frente", explica a diretora da Edufal.

Bienal Internacional do Livro

Após 2007, embora tenhas conseguido a autorização da Câmara Brasileira do Livro (CBL) para nomear a Bienal do Livro de Alagoas como

Internacional, a terceira edição já estava com a campanha pronta e foi divulgada como nacional. "Para obter a autorização tivemos uma imposição da CBL de não retroceder, ou seja, não poderemos mais voltar para uma Bienal nacional, sob o risco de não conseguirmos mais resgatar o título de internacional". Afirmar Maluf. Dessa forma, foi realizada a IV Bienal Internacional do Livro de Alagoas, com a participação de diversas editoras internacionais

"São inúmeras trocas de e-mails para ajustar e negociar a cessão de direitos, a legislação, encontrar os tradutores adequados, pois não adianta só conhecer a língua, mas o fundamental é traduzir e contextualizar um conceito", afirma Sheila Maluf sobre os desafios constantes sobre a editoração de livros internacionais.

Desafios para o futuro

Quando Sheila Maluf iniciou a gestão na editora, eram distribuídos quatro mil livros por ano; agora, o ano de 2011 será fechado com 15 mil livros distribuídos. Sem contar que a Edufal está nos sites das maiores redes de livrarias do país, o que permite a distribuição nacional.

De acordo com os dados de 2010, dos 645 títulos editados durante os 28 anos de existência da Edufal, 406 foram

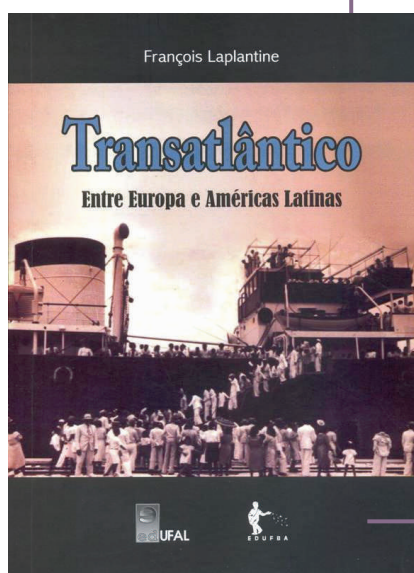
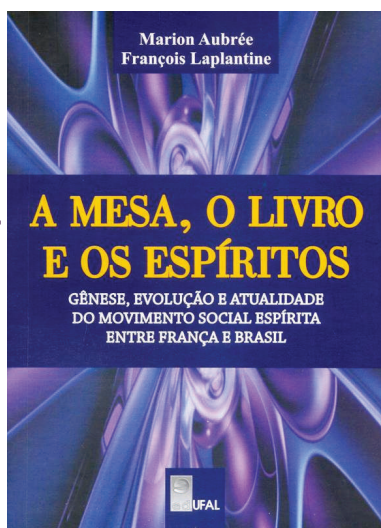
em sua gestão. Esses dados são de dezembro de 2010. "Nossa perspectiva é de fechar o ano de 2011 com aproximadamente mais 70 títulos".

Em outubro, será realizada a V Bienal Internacional do Livro, que este ano homenageará a Itália, quando Maceió contará com grandes nomes da literatura italiana. Na ocasião, a Edufal publicará mais de 50 títulos fruto do edital da Bienal.

Como sempre participa das feiras, eventos e bienais pelo Brasil, a diretora da Edufal tem o desafio de trabalhar o espaço que a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu) terá pela primeira vez em 2013 na maior feira de livros do mundo, a Feira de Frankfurt, na Alemanha, na qual o Brasil será o país homenageado.

A Edufal é filiada à Abeu, que congrega mais de 100 editoras e define todos os eventos (feiras, bienais nacionais e internacionais), facilitando, assim, as negociações para garantir as publicações.

Em setembro, a Edufal terá mais um grande desafio. A diretora Sheila Maluf assumirá a vice-presidência da Abeu, juntamente com o professor José Castilho Marques (Unesp) na presidência para o biênio 2011-2013, possibilitando, assim, que a Edufal esteja nas grandes decisões editoriais do país.



ENTREVISTA.com

A Universidade de portas abertas ao mundo

Por Jhonathan Pino

Acompanhando o ritmo de outras universidades do país, a Ufal vem firmando diversos convênios com outros países do mundo e mostrando alguns avanços na sua política de relacionamento internacional. Nesta entrevista, o professor Nivaldo de Farias, que está à frente da Assessoria de Intercâmbio Internacional, aborda a política de abertura da Universidade às relações acadêmicas com países estrangeiros nos últimos anos



Estudantes brasileiros participantes do Programa Top China 2010

Como é desenvolvida a política de internacionalização da Ufal?

A política de internacionalização da Ufal é desenvolvida a partir de um plano traçado no início da segunda gestão da professora Ana Dayse Rezende Dorea (2008).

Esse plano, que partiu das primeiras ações desenvolvidas na primeira gestão, teve como foco ampliar os convênios internacionais, buscar financiamentos para o intercâmbio de estudantes e professores, e inserir a instituição em um maior número de programas e de redes internacionais. Além disso, tem sido igualmente relevante desenvolver a consciência da comunidade de servidores e alunos para a importância da formação internacional. Nessa linha, a Assessoria Internacional tem anualmente organizado um evento para debater a questão e ao mesmo tempo divulgar as oportunidades que se abrem para novas formas de cooperação internacional.

É importante frisar que nossa política de internacionalização foi formulada em consonância com as políticas do governo federal e com as propostas da Andifes para esta área. Conquanto as ações sejam operacionalizadas pela Assessoria Internacional, as articulações internacionais, nomeadamente aquelas que envolvem associações de universidades, redes e grandes programas, são conduzidas diretamente pela Reitora.

Quais são os tipos de parcerias existentes entre a Ufal e outras instituições?

As parcerias da Ufal com as demais instituições são sempre pautadas em acordos acadêmicos. São aqueles acordos que coloquialmente denominamos "acordos guarda-chuva", porque envolvem todos os níveis da instituição (ensino, pesquisa, extensão) e todas as áreas e cursos. Comumente não há compromissos financeiros nesses documentos, pois visam estabelecer marcos de colaboração científica. Quando a cooperação passa para o campo específico de cada área é que entram em cena os Termos Aditivos que precisam ser assinados pelos coordenadores de cada projeto e necessitam de apoio financeiro de outras instituições como CNPq, Capes ou Fapeal. No momento, ainda não há recursos específicos para a internacionalização dentro do orçamento da Universidade, mas há expectativas de que esta nova rubrica seja inserida a partir do próximo ano.

Qual é a repercussão desses convênios para os alunos, professores e técnicos da Universidade?

A repercussão é muito grande e há muito procura dos alunos, que têm cada vez mais se interessado por participar da mobilidade acadêmica internacional. A oferta de bolsas ainda é muito pequena, mas tem aumentado o número de editais para diversas partes

do mundo. O Programa "Ciências sem Fronteiras", recentemente lançado pela Presidenta Dilma Rousseff é, sob vários aspectos, o passo mais ousado no sentido da internacionalização das universidades brasileiras.

Quanto aos professores, não se poderia, a rigor, falar de repercussão, pois são, na maioria das vezes, eles mesmos que propõem os acordos com as instituições de outros países. Convém lembrar que muitos dos nossos professores fizeram seu doutoramento fora do país. Eles são, na realidade, os primeiros atores do processo de internacionalização da nossa universidade, posto que trazem das instituições onde se formaram, ex-orientadores, alunos e pesquisadores para colaboração acadêmico-científica na Ufal. Concomitantemente, esforçam-se na elaboração projetos, captando recursos para que os nossos alunos possam ter oportunidade de realizar estágios ou mobilidade acadêmica em instituições estrangeiras.

Os técnicos sempre tiveram um interesse enorme na formação continuada e no aperfeiçoamento da profissão. Há uma demanda enorme nesse sentido. Infelizmente, as políticas de financiamento ainda não atendem às necessidades dessa categoria. Com muito esforço, conseguimos inserir alguns poucos servidores técnico-administrativos em nossos projetos. A necessidade de aumentar as oportunidades para este seguimento é urgente, pois há uma escassez de técnicos para atuar na

área de relações internacionais. A falta de pessoal é um problema sério, pois sem recursos humanos qualificados a instituição perde muitas oportunidades de participar de programas e projetos internacionais, deixando de captar recursos e de abrir novas oportunidades para o desenvolvimento da internacionalização.

Com quantas Universidades a Ufal já tem alguma parceria de âmbito internacional?

No momento, são 39 Universidades estrangeiras.

Quem são os atores que dão o passo inicial para a criação de uma nova parceria?

Em alguns casos, a iniciativa pode partir de um professor, de um técnico-administrativo ou de um aluno. Sendo assim, avaliamos o impacto institucional e a possibilidade de crescimento daquela proposta que poderá se tornar uma cooperação mais ampla. Em outras situações, o interesse parte de instituições estrangeiras ou de grupos de pesquisadores que estabelecem um diálogo com nossos professores e propõem acordos. Em outros casos, são instituições financiadoras que abrem editais e sugerem parcerias com países específicos. Mas, em todas as situações, é fundamental que a iniciativa esteja vinculada às unidades acadêmicas ou administrativas e que apresentem um horizonte de crescimento e consolidação institucional.

ENTREVISTA.com

Quem as financia?

No nosso caso, os órgãos financiadores mais importantes são o MEC, a União Europeia, a Capes, o CNPq e o Banco Santander.

Quais são as principais dificuldades para a elaboração desses convênios?

A dificuldade maior é quando a instituição estrangeira impõe contrapartidas financeiras. Nesse caso, muitas vezes se torna inviável a assinatura de um acordo, pois cada país tem leis específicas que tornam difícil a uniformização de um convênio. Uma outra situação que é bastante complexa é a que envolve a inovação tecnológica. Os documentos necessitam garantir os direitos da nossa instituição e de nossos pesquisadores quando se trata de possíveis patentes.

Antes da Assessoria ser coordenada

por você, quem foram os outros coordenadores e qual foi a contribuição deles para o desenvolvimento da internacionalização da Ufal?

A área internacional ficava anteriormente restrita a uma coordenação dentro da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, que cuidava de alguns poucos intercâmbios. Durante a minha gestão como Pró-reitor, o professor Ricardo Sarmento (à época também coordenador de pesquisa) assumiu este setor e ampliou substancialmente as suas ações até transformá-lo em uma Assessoria que, à semelhança dos demais setores nas universidades federais, passou a funcionar vinculado diretamente ao Gabinete da Reitora. Essa mudança foi importantíssima para o desenvolvimento da área. O professor Ricardo inseriu a Ufal no Fórum das Assessorias das Universidades Bra-

leiras para Assuntos Internacionais, organizou um evento dessa instituição na Ufal, elaborou os primeiros editais do Programa Santander de Bolsas Luso-Brasileiras e desenvolveu, com o apoio da Reitora, várias atividades que foram fundantes para o crescimento dessa área.

Quais são as expectativas para os próximos anos? O que há de novo que deve ser implantado ainda até 2012?

As expectativas são de crescimento, uma vez que o mundo globalizado exige cada vez mais uma formação internacionalizada. Além disso, é da própria natureza da universidade essa procura constante por colaboração com instituições de outros países, posto que os problemas se tornam cada vez mais transnacionais. Como já mencionei, o atual programa do governo federal "Ciências sem

fronteiras" é o que há de mais arrojado, pois garante o financiamento da mobilidade internacional de um número significativo de estudantes e professores das universidades brasileiras. Outras possibilidades continuarão igualmente se ampliando com as agências financiadoras que têm costumeiramente apoiado a Ufal. A maior expectativa, no entanto, é que o governo inclua a rubrica da internacionalização no orçamento das universidades federais.

Para o início de 2012, está previsto um curso internacional de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira a ser oferecido na Ufal para alunos de diversas universidades mexicanas. Trata-se de uma primeira experiência nesse sentido, que será apoiada pelo Banco Santander, sob a denominação de Top Brasil. Ainda não há uma definição sobre o assunto; as propostas estão para ser avaliadas pelos parceiros envolvidos no projeto.

Viajar também é preciso...

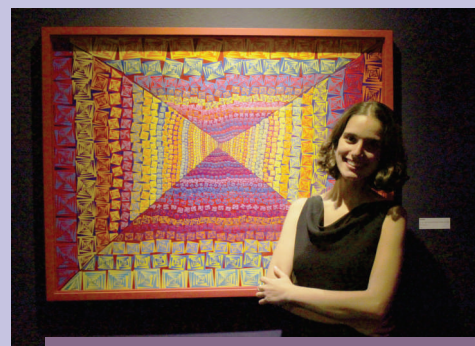
Manaira Athayde

"Navegar é preciso", escrevera certa vez o poeta Fernando Pessoa. Paraphraseando o verso, também podemos dizer que "viajar é preciso": a certa altura, viajar torna-se mais do que uma necessidade acadêmica e/ou profissional, pois revolve-se no desfrute das diferentes realidades que estão para além dos nossos limites diários. Essa simbiose eu só compreendi tempos depois do início de minha viagem a Portugal, que correspondia à perspectiva de um intercâmbio cultural de apenas um semestre em que eu pudesse angariar importantes vivências. O intercâmbio acabou se transformando num projeto de vida.

Um ano depois, optei pela transferência definitiva para o curso de Ciências da Comunicação (Jornalismo) da Universidade do Porto. O início da graduação na Universidade Federal de Alagoas foi importante para solidificar o meu olhar crítico e construir as minhas bases acadêmicas, já que no Brasil há um diálogo maior entre os professores e os alunos e é possível estabelecer

projetos de investigação com mais acuidade. Entretanto, o intercâmbio possibilita a segunda fase da formação: a experiência cultural, que está mais circunscrita na mudança de espaço, de estruturas sociais, de padrões históricos do que na própria conjuntura acadêmica. Unir o eixo teórico que o curso na Ufal me possibilitou à vivência pragmática da mobilidade estudantil deu-me uma importante apreensão da vida.

Vida esta que, alargando o âmbito universitário, foi completamente marcada pelas experiências profissionais, primeiro no Jornal Académico do Porto e na agência online Jornalismo Porto Net e, depois, na revista FestMagazine. Esses trabalhos foram muito importantes porque, além de adquirir prática profissional e compreender o modo português de fazer jornalismo, eu percebi que há sempre espaço na mídia portuguesa para falar sobre o Brasil porque o povo português é muito mais próximo de nossa cultura do que nós somos da cultura dele.



Manaira organiza exposição em Portugal

E hoje, mais de três anos depois do início de minha aventura, já graduada e no doutoramento, estou na direção de uma galeria de arte no coração artístico da cidade do Porto. Como nunca olvidei das cores, das formas, da essência do meu nicho primeiro, organizei um projeto para levar artistas alagoanos a realizar exposições do outro lado do Atlântico. Não é por acaso que o intercâmbio nos faz olhar com maior rigor para o nosso país de origem, para o nosso seio cidadão, e

perceber com maior clareza os movimentos, as mudanças. Maceió, por exemplo, é hoje uma cidade com grandes transformações urbanas que, certamente, auxiliam a efervescência artística.

Eu vim para Portugal esperando conhecer novas diretrizes culturais, mas acabei por perceber que estar fora do nosso país é aprender ainda mais sobre a nossa própria identidade, nas suas perspectivas mais abrangentes. Não obstante, a internacionalização das práticas acadêmicas possibilita mais do que a ampliação do universo profissional; faculta a aprendizagem que nos fará olhar para o Brasil com o respeito que grande parte do mundo já lhe outorga. Nós, brasileiros, ironicamente ainda não temos essa consciência. Somos navegantes de um oceano de oportunidades e ainda não nos demos conta disso. Afinal, com o acirramento dos novos paradigmas das distâncias e das comunicações, navegar, ou melhor, viajar é cada vez mais preciso.



Jalon Nunes, primeiro intercambista do Campus Arapiraca



Bolsistas do Programa Fórmula Santander



Oficinas culturais enriquecem a mobilidade estudantil



Selecionados para o Programa de Bolsas Luso-Brasileiras em 2010